

INTEGRAÇÃO ATLÂNTICA

Luiz Carlos Bresser Pereira

20.09.1994

Brasileiros e argentinos, que há cinquenta anos atrás costumavam pensar-se como sul-americanos, foram crescentemente levados no após Segunda Guerra Mundial, a se pensarem como latino-americanos. Entretanto, depois da criação do NAFTA (North American Free Trade Association), eles passaram a considerar a conveniência de voltar à antiga auto-conceituação. Há, porém, uma outra auto-conceituação possível e talvez mais frutífera. Se os países do Mercosul levarem em conta a criação e as repetidas reuniões da APEC (Action for Pacific Economic Cooperation), através da qual japoneses, norte-americanos e australianos estão investindo sistematicamente no desenvolvimento das relações comerciais no Pacífico, talvez venham a considerar igualmente adequado se auto-definirem como Latino-Americanos Atlânticos. Neste caso, caso também a União Européia, que é exclusivamente atlântica, se aperceber deste fato, abrir-se-ão oportunidades muito maiores de cooperação econômica com o Mercosul.

O argumento decisivo para que o Brasil busque um acordo de livre comércio com um dos grandes blocos regionais é essencialmente defensivo. Um bloco regional é um sistema de discriminação de comércio para aqueles que ficam de fora. Se o Brasil, que está fora do bloco informal de produção asiático, ficar também fora do NAFTA e da União Européia, estará enfrentando uma séria desvantagem competitiva. Por outro lado, é principalmente político o argumento no sentido de que o Brasil deva buscar antes um acordo com os Estados Unidos do que com a Europa. Os americanos, apesar de todas as suas próprias dúvidas, estariam em princípio interessados em um acordo de livre-comércio com o Mercosul, enquanto que os europeus, não.

Será, entretanto, verdadeira esta última afirmação? Ou haveria fatos e raciocínios novos que justificariam um aumento significativo do interesse da Europa no Mercosul? Minha resposta à primeira pergunta é não, e à segunda, sim. Há razões objetivas para acreditar que os europeus estão desenvolvendo

um interesse todo especial pela América Latina Atlântica, ou seja, pelo Mercosul.

A participação do México no NAFTA mostrou que o conceito de América Latina como um todo, embora tenha bases culturais sólidas, do ponto de vista econômico é frágil. Em consequência o Brasil, mantendo-se comprometido com o Mercosul, passou imediatamente a trabalhar no projeto da Área de Livre Comércio da América do Sul. Esta estratégia é correta, está na linha da proposta de Fernando Henrique Cardoso, quando foi Ministro das Relações Exteriores de Brasil, de promover a Iniciativa Amazônica. Entretanto, dado o esforço que vem realizando a APEC no Pacífico, e a atração que estas iniciativas despertam em países como o Chile, o Peru, o Equador e a Colômbia, sem falar no próprio México, talvez devêssemos repensar a América Latina, como, na verdade, constituída de três regiões: a América Central e o Caribe, na qual está incluída a Venezuela, a América Latina Pacífica, e a América Latina Atlântica, esta última constituída exatamente pelos quatro países do Mercosul.

Se além de nos vermos desta maneira, os europeus, que como nós estão excluídos do Pacífico, fizerem o mesmo exercício, o interesses da Europa pelo Mercosul deverá aumentar consideravelmente. Esse interesse não derivará apenas do fato de o Mercosul já poder ser considerado um êxito econômico; nem da circunstância de que importantes reformas foram realizadas durante a longa crise por que passou a economia brasileira, de forma que as perspectivas de retomada do desenvolvimento depois da estabilização e da eleição de Fernando Henrique são hoje um fato concreto. Derivará também de latino-americanos atlânticos e europeus se darem conta de que, enquanto o Caribe e a América Central são uma área de interesse preferencial dos Estados Unidos, enquanto a América Latina Pacífica está principalmente voltada para os Estados Unidos e para o Japão, não há razão alguma para que a América Latina Atlântica esteja mais ligada aos Estados Unidos do que à Europa.

Se este raciocínio for correto, o Mercosul deixa de ter uma única alternativa de aliança econômica, passando a ter duas. Quanto ao interesse dos Estados Unidos em relação ao Brasil e o Mercosul, não há qualquer dúvida. Esse interesse ainda não está totalmente claro para os americanos, já que os brasileiros ainda não definiram sua política em relação a uma possível adesão ao NAFTA. De qualquer forma, os Estados Unidos precisam de algum tempo para absorver a integração do próprio México. Mas já existem muitas indicações do crescente interesse americano. Esse interesse será certamente confirmado na Reunião de Cúpula Hemisférica, que ocorrerá em Miami em dezembro próximo.

Existem porém, indicações claras que o interesse europeu pelo Mercosul vem crescendo no transcorrer deste ano. Em maio, na reunião de ministros do Grupo do Rio com os ministros da União Européia, foi afirmado o interesses destes últimos pela “negociação de uma cooperação econômica ampliada” da União Européia com o Mercosul. Estava implícito nas conversações que essa “cooperação ampliada” seria na verdade um acordo de livre comércio. Em seguida, em agosto, na reunião ministerial da União Européia em Corfu, esta mesma declaração foi formalmente reafirmada e oficializada em nível mais alto.

É improvável que esta mudança de posição da Europa já seja fruto do fato de terem os europeus se apercebido claramente da existência das três Américas Latinas, e do seu interesse principal em uma delas. As justificativas formais para as iniciativas européias em relação ao Mercosul devem ainda estar baseadas na perspectiva de retomada do desenvolvimento dos países do Cone-Sul, nos grandes interesses que os países europeus já têm na região, e na percepção que os ganhos que podem ser obtidos com a integração do Leste Europeu são limitados. É perfeitamente possível, entretanto, que, como os próprios países participantes do Mercosul, a União Européia esteja começando a perceber a existência de uma América Latina Atlântica. Será interessante ver uso que todas as partes interessadas farão dessa nova realidade no sentido de uma maior integração atlântica.